



Os Ciclistas (1941)

No Estúdio (1943)



Figura e Pássaro (1964)

Figuras e Pássaros (1967)

# Nesta exposição, a elogiada (e cara) obra de Milton Dacosta.

A exposição começa hoje no Museu de Arte Moderna, que lança também um livro sobre o artista.

A partir de hoje a obra de Milton Dacosta estará exposta, em cuidadosa e seletiva retrospectiva, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (Parque Ibirapuera). Na mesma ocasião, o MAM lançará um livro sobre o artista com textos críticos de Antônio Bento, Jayme Maurício, Olivio Tavares de Araújo, Olney Kruse e Jacob Klintowitz. O que se soma ao livro Milton Dacosta, de Antônio Bento, publicado em 1980 (ed. J. P. Gandra Martins). Este acontecimento vem coroar a constante presença de Milton Dacosta no cenário artístico brasileiro. Nos últimos dez anos, as principais análises críticas da arte brasileira reservaram um lugar de destaque para a obra de Dacosta. Neste mesmo período, os principais jornais e revistas nacionais têm destacado a presença de Milton Dacosta. Paralelamente ao reconhecimento de sua linguagem e de sua obra, o mercado de arte tem demonstrado, concretamente, a posição de Dacosta, talvez, hoje, o mais caro artista brasileiro vivo. O MAM, que na sua história tem feito algumas das mais importantes retrospectivas de artistas nacionais, tais como as de Emiliano Di Cavalcanti, Abelardo Zúbar, Arcangelo Janelli, Lothar Charoux, Yolanda Mohalyi, soma mais este ponto a seu favor, o ser capaz de oferecer uma visão abrangente da obra de um de nossos principais artistas.

A organização da mostra tem um caráter didático, tendo sido adotada a divisão da obra por décadas. Provavelmente seria melhor o critério de linguagem, o que dividiria a obra do artista por fases. Entretanto, o artista, que participou pessoalmente da escolha das obras, considerou este critério cronológico suficientemente esclarecedor. O livro tem um sóbrio e competente projeto gráfico de Willis de Castro (o que faltou ao livro de Bento); texto de apresentação de Luís Antônio Seraphim, presidente do MAM, no qual faz uma oportuna e feroz análise da questão "arte e elite", e, finalmente, breve texto de César Luis Pires de Melo, organizador da retrospectiva.

Milton Dacosta nasceu em Niterói, em 1915. Mas a sua atuação foi exercida entre Rio e São Paulo, pois, a partir de 1949, quando se casou com a pintora paulista Maria Lento Leontina, morou, em dois períodos, vários anos em São Paulo e nunca mais perdeu este contato. Dacosta, a partir de sua primeira individual, em 1936, obteve todas as principais premiações e participações brasileiras, representou o Brasil em bienais estrangeiras, na Bienal de São Paulo, foi Prêmio de Viagem ao Estrangeiro do Salão Nacional de Belas Artes, expôs em parceria com os melhores artistas modernos brasileiros, participou nas grandes cidades internacionais. Neste período, a sua obra foi construída principalmente com a pintura, apesar de ter uma boa produção na área da gravura e do desenho.

### Vênus

A partir do final da década de 50, a obra de Milton Dacosta obteve o consenso brasileiro. Não havia mais dúvida de que este era um dos principais artistas modernos brasileiros. Foi neste momento que o artista começou a sua longa série de vênus e o pássaro. Trata-se de uma versão pessoal, filtrada por uma personalidade pictórica requintada e sutil, do velho mito de Leda e o Cisne. Ancestralmente, através da união e da posse de Leda por um Cisne, força da natureza abrangendo uma entidade superior, a união do ser humano com os mistérios universais, Milton Dacosta retoma este mito, talvez nem de maneira consciente, tão mansamente ele vai se introduzindo na sua obra. Em Milton Dacosta, Leda transforma-se numa de suas figuras femininas barrocas e o Cisne transforma-se em aliado, sensual e suave pássaro estilizado.

Esta série da mulher e do pássaro desenvolve-se até hoje, em infinitas variações estilísticas, em nuances cromáticas e intuições de harmonias tonais raramente atingidas pela arte brasileira. Dacosta, lentamente, com vagar rigoroso, vai construindo uma obra sinfônica que se desdobra em linhas curvas e retas, em suavidades tonais e, principalmente, em uma agudeza conceitual da questão da imagem e da construção do pensamento artístico. Dacosta oferece uma obra decidida optária, através de sua obra, sobre a realidade artística e as opções estéticas. O que, ao se observar a sua obra, percebe-se como um caminho percorrido inteiro, através de várias fases e idéias. Milton Dacosta sempre esteve à procura do verdadeiro assunto e tema da arte. A sua procura é a da síntese capaz de expressar o pensamento cultural da época, conservando, ao mesmo tempo, a especificidade das artes plásticas. Acrescente-se a esta procura a sensibilidade especial do artista que termina por aproximá-lo de uma arte de alta construção mental, como é a japonesa.

Estas mulheres, gordas, soltas, barrocas,



Milton Dacosta

formas desdobradas, são o desenvolvimento e a continuação das figuras de Dacosta. É possível reconhecê-las nas meninas que o artista prazerosamente descrevia, nos carros, nas bicicletas. Há uma linha de personagens que nos conduzem, quase matematicamente, ao encontro destas gordas Vênus, estas mulheres tão terrenas e voluptuosas. Os pássaros que dialogam sensualmente com as Vênus são formas aladas simplificadas. Também eles, construídos em linhas curvas e de origem barroca. Mas aqui o barroco não se expressa tão determinadamente como nas Vênus. Há, nesta simplificação, um toque do desenho industrial, alguma coisa da simplificação da marca, do sinete, da identificação visual. Este diálogo entre o barroco e a bahaus, entre a curva que se quer simplificação e a curva que se quer simplificação e marca, oferece uma das chaves da obra deste artista.

A ressonância deste diálogo entre a velha e a nova sensualidade pode ser observada nas composições tonalmente curvas do espaço desta pintura. Ou na forma sempre alada do passado e a forma repousada da Vênus. Ou nas delicadas alterações cromáticas, nas passagens tonais, nas lições aprendidas da representação japonesa onde a imagem é sempre imagem mental, construída e significação de um conceito cultural. O que fascinou o Ocidente na arte japonesa, entre outras coisas, foi o caráter mental de sua representação visual que, em nenhum momento, pretende ser uma limitação da visão convencional. Em Milton Dacosta, no seu assunto tão moderno, a reminiscência da arte oriental oferece um novo contraponto. Há o diálogo entre o barroco e o desenho industrial, entre o moderno e o antigo, entre o Ocidente e o Oriente, entre a representação como significação mental e a representação como expressão sensual. Esta série que se desenvolve, em suas variações, há mais de vinte anos, ilumina a personalidade artística de Dacosta e as suas fases anteriores.

### Em 1936

Em 1936, a obra de Milton Dacosta começa a adquirir uma ressonância maior. Neste ano o artista é aceito no Salão Nacional de Belas Artes. Neste período, Dacosta se assemelha à maioria dos bons artistas brasileiros. Ele começa próximo da lição impressionista, ligado fortemente às imagens acadêmicas. Entretanto, é possível identificar no jovem artista um amor pela cor, uma procura de certos contrastes, o desejo de tornar os seus casarios, as suas paisagens, particulares. Uma mistura de formação acadêmica com a lição impressionista o desejo de marcar as cenas com a luz, com a cor. É possível, ainda, observar no jovem artista uma clara tendência à introspecção. As suas cores vão, gradualmente, procurando os semitons, tornam-se sóbrias, marcadas, os cinzas invadem as cenas, as figuras humanas ganham relevo. Anunciase, na minha opinião, um pintor de talento e possibilidade.

A década de 40 é decisiva para o pintor Milton Dacosta. É quando o artista elabora os seus trabalhos de caráter metafísico. Ele usa como elementos de pintura manequins e objetos, garrafas e figuras geométricas, numa clara referência ao movimento metafísico europeu. Milton Dacosta tenta descobrir o seu destino de pintor e a sua proposta humana e este caminho de auto-reconhecimento e experimentação passa pelas figuras de De Chirico e pela atmosfera de Morandi. Dacosta descobre-se um cultor da sutileza, um amigo do símbolo, um amante das mensagens delicadas e intuitivas. Em outro contexto, com outras figuras, estas serão características que ele nunca abandonará. Da mesma maneira, a sua clara opção por uma imagética de caráter universal, onde os valores culturais serão aqueles capazes de sensibilizar universalmente o ser humano. A experimentação destes sinais de um destino artístico é que iriam marcar Milton Dacosta e o seu futuro percurso: a sutileza, o símbolo, a intuição, a delicadeza, a universalidade.

Após este trabalho, Milton Dacosta começa a sua série de meninas. Aqui o artista

procurará o movimento, a linha sensual, o cromatismo elaborado, o jogo de claro-escuro. Milton Dacosta abandona a sua meditação transcendental e mergulha no cotidiano, no cotidiano, na figura, humana, no lúdico. São cenas e formas de estar, meninas coloridas, movimento esvoaçante, idéia de mutação, mudança, alegria e vida. No início, a grave percepção do Tempo e do Ser. Depois, o passageiro, o movimento em torno e ao redor da vida. Tempo e Transcendência para Espaço e Contingência. Mas são exatamente estas duas fases que ocorrem nesta década de 40, e que penetram pelos anos 50, que determinam o posterior trabalho e a reconhecida qualidade de Dacosta.

A união destes dois elementos, a transformação destes elementos sensoriais e simbólicos numa única imagem vão tornar o trabalho de Milton Dacosta um exemplo raro na nossa arte: o exemplo de um artista, empolgando permanentemente um público fiel e crescente, capaz de se dedicar à mais sutil das relações formais, a de Eros, Leda e o Cisne, com todas as conotações e referências ao orientalismo e à significação da cor como símbolo e linha melódica. Ao final da década de 40 era possível adivinhar este futuro do artista, esta possibilidade de unir os contrastes e de se oferecer como exemplo de meditação e registro de vida. Finalmente, não terá sido esta a significação de sua arte, a de meditar e registrar a vida?

### Geometria

Milton Dacosta tem uma clara ligação com a organização cubista. As suas figuras humanas, muito seguidamente, têm a sua definição através de soluções cubistas, a divisão da figura, a deformação intelectual e arbitrária "decidida". Para ligar Milton à lição cubista. A geometrização cubista é utilizada por Dacosta que a vai depurando. Nos anos 54 e 55 esta geometria se transformará e adotará, cada vez mais, o rigor construtivo. Mas desde os anos 40, Dacosta se utiliza da pesquisa cubista para a resolução de suas figuras, na construção de um rosto, na solução de certas linhas-mestras dos personagens. Esta forte cubista vem de encontro ao temperamento de Milton Dacosta, permanentemente tornando mais límpidas e claras as suas pinturas. Mesmo nesta longa série de "Vênus e o pássaro" podem ser observadas certas soluções, algumas posições da cabeça da Vênus, traços definidores do pescoço, do nariz, dos olhos, que evocam trabalhos cubistas, especialmente os de Picasso.

Nos anos 54 e 55 a geometria que sempre avançou a obra de Milton Dacosta, define-se por um jogo construtivista. Milton Dacosta divide o espaço, organiza construtivamente as suas telas. Neste mesmo período, o construtivismo, na sua versão moderna, o concretismo, é a grande corrente artística brasileira. O prêmio dado a Max Bill na Bienal de São Paulo, em 1951, inicia o movimento concretista brasileiro, há uma verdadeira avalanche crítica, artística, que detona processos, premia, organiza exposições e publica artigos. Entretanto, um dos principais artistas brasileiros e que chegou a produzir belíssimos trabalhos concretos, não é exatamente um filiado. Ele é muito fiel à emoção, à visceralidade. Parece estranho falar em visceralidade numa fase de trabalhos de caráter construtivo. Mas há em Milton Dacosta a questão da cor, estas azuis e vermelhos, estes melos-tons, estas curvas disfarçadas em círculos, tudo o tornar este trabalho particular, único, profundamente vinculado ao seu trabalho anterior e ao trabalho que lhe será posterior. No Brasil, muitas avaliações de movimentos culturais têm partido de certas arbitrariedades. Rigorosamente, talvez não possa se considerar Milton Dacosta concretista. O que pode ser discutido, igualmente, em relação a outros artistas, como é o caso de Alfredo Volpi.

Milton Dacosta avançará destas composições abstratas e na linha concreta, para figuras de menino geometrizadas, resolvidas, tantas vezes, com algumas horizontais e verticais. São trabalhos plenos de emoção, a série Alexandre, a experiência com a paternidade, a permanência da emoção ligada à geometria. Milton Dacosta pertence àquele grupo de artistas que, no mundo inteiro, recusou as regras de rigor geométrico e afirmação racionalista. Para estes pintores, a arte é mais completa, pois reflete o homem, do qual, sabidamente, a racionalidade é apenas uma das dimensões. Esta série conduz, com uma inexorável lógica, até as Vênus e os pássaros que vão surgindo, lentamente, estruturando-se no espaço primeiro, meninas, depois brinquetes e meninas, após figuras, mulheres, finalmente Vênus. E o artista encontra o seu universo atual, aquele com o qual nos defrontamos hoje, ponto alto de uma obra de grandes méritos.

Jacob Klintowitz

JORNAL DA TARDE  
15-9-81